



Patrimônio sob pressão

Walter Sotomayor
de Brasília

No início era a cruz, e o risco no papel foi tomando forma com os tratores que abriam dois grandes clareões no meio do Cerrado. Essa cruz fincada no Brasil Central foi como ato simbólico de conquista de um novo território. Sobre esse símbolo surgiu uma cidade que ao mesmo tempo é capital e que hoje faz 41 anos. Essa cidade, símbolo da modernidade e do espírito criador dos brasileiros, virou mais tarde Patrimônio Cultural da Humanidade, porque é única. Os lugares ou cidades que ostentam essa condição no

Brasil, apenas 14, são símbolos da identidade nacional. Essa condição única, adquirida por Brasília em 1987, constitui também um compromisso de preservação.

“Brasília é a maior área urbana planejada do mundo”, diz Briane Bicca, cuja especialidade consiste em iniciar a análise de locais candidatos ao tombamento por parte da Unesco. Para ela, Brasília é uma cidade histórica que incita a brasileiros e estrangeiros.

À cultura da invasão se contrapõe a cultura da preservação.

Para preservar é necessário entender o que deve ser preservado, mas diversos governos nas duas últimas décadas têm ignorado esse compromisso porque desconhe-

cem ou desconhecaram as suas implicações e vantagens. O que está preservado por tombamento nacional e inscrito como Patrimônio Cultural da Humanidade na Unesco é o Plano Piloto, incluindo a orla do Lago Paranoá.

Área verde

Brasília como capital e como cidade, algo assim como o casco velho das antigas cidades. Em volta desse centro velho de uma conurbação maior que é o Distrito Federal, com suas cidades satélites, deveriam se manter áreas verdes que caracterizam outra escala da cidade-capital, o seu caráter bucólico, a cidade como parque.

Todo esse projeto sofre pressões como resultado do ainda forte processo de ocupação, seja pelo atrativo da qualidade de vida ou até pela oferta de terrenos para os que aqui chegam em busca de uma nova vida.

Uma das mais importantes pressões sobre a cidade é resultado do seu próprio crescimento e do escasso apego às normas. Essa combinação de omissão do poder público e das instituições da sociedade foram um convite permanente a se adotar a cultura da invasão. “Foi uma expansão natural, que surgiu com o crescimento da população”, disse Carlos Magno Melo, presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, à repórter Fernan-

da Loureiro. No Plano Piloto, um total de 54.460 metros quadrados de espaços públicos foram ocupados ilegalmente.

Para uma cidade que já tem 2 milhões de habitantes o problema da água se torna tão dramático, quanto a cultura da invasão. “A qualidade de vida está ameaçada, se não houver uma medida de conscientização da população, além das ações para ampliar o fornecimento”, segundo o especialista em hidrologia João Salles, em entrevista concedida ao repórter Sidrônio Henrique.

Atualmente, o sistema Caesb produz 10 metros cúbicos de água por segundo e a demanda já superou os 9 metros cúbicos, anunciando

a iminência de um novo problema. O trânsito difícil na cidade, em decorrência do forte aumento de veículos em circulação, começa a ser minimizado com a abertura de mergulhões e construção de viadutos em todos os pontos problemáticos, bem como a perspectiva de entrada em funcionamento do serviço de metrô.

Os 41 anos da cidade são um convite a refletir sobre o seu futuro, a buscar consensos que possam orientar a ação do poder público. Este é o objetivo do suplemento Aniversário de Brasília que a **Gazeta Mercantil do Distrito Federal** oferece a seus leitores.

(sotomayor@gazetamercantil.com.br)